

REENCONTRO
literatura

Eça de Queirós

O primo Basílio

Adaptação de
Carlos Heitor Cony

Ilustrações de
Roko



editora scipione

Gerente editorial
Sâmia Rios

Editora
Samira Youssef Campedelli

Assistente editorial e roteiro de trabalho
Nilva Pereira

Preparador de originais
Geraldo A. Fantin

Revisoras
Fernanda Bottallo
Nair Hitomi Kayo

Coordenadora de arte
Maria do Céu Pires Passuello

Programador visual de capa
Didier Dias de Moraes

Diagramador
Fábio Cavalcante

Ilustrações
Roko



editora scipione

Avenida Nações Unidas, 7221 – Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP

ATENDIMENTO AO CLIENTE
Tel.: 4003-3061

www.atiscapione.com.br
e-mail: atendimento@aticapione.com.br

2018

ISBN 978-85-262-4444-3 – AL

CL: 734698

CAE: 225841

2.^a EDIÇÃO

19.^a impressão



Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Queirós, Eça de, 1845-1900.

O primo Basílio / Eça de Queirós; adaptação de Carlos Heitor Cony. – São Paulo: Scipione, 1998. (Série Reencontro literatura)

1. Romance português I. Cony, Carlos Heitor, 1926-. II. Título. III. Série.

98-2925

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances: Literatura portuguesa 869.3

SUMÁRIO

<i>Quem foi Eça de Queirós?</i>	5
Capítulo I	7
Capítulo II	13
Capítulo III	22
Capítulo IV	31
Capítulo V	50
Capítulo VI	59
Capítulo VII	77
Capítulo VIII	86
Capítulo IX	101
Capítulo X	107
Capítulo XI	117
Capítulo XII	125
Capítulo XIII	133
<i>Quem é Carlos Heitor Cony?</i>	143

QUEM FOI EÇA DE QUEIRÓS?

Eça de Queirós nasceu em 1845, em Póvoa de Varzim, em Portugal. Passou a infância com os avós paternos e em 1855 foi matriculado como aluno interno no Colégio da Lapa, no Porto, onde conheceu Ramalho Ortigão, que se tornaria o seu amigo mais íntimo. Lá permaneceu até ingressar na Universidade de Coimbra, onde se formou em Direito.

Iniciou sua atividade de advogado a partir de 1867, colaborando também em diversos jornais como articulista, polemista e autor de folhetins, além de fundar e dirigir um jornal de oposição, o *Distrito de Évora*. Participou das Conferências Democráticas do Casino Lisboense, nos anos 1870, proferindo a célebre palestra *A nova literatura* ou *O realismo como expressão de arte*. A carreira diplomática afastou-o de Portugal: foi cônsul em Havana (Cuba), depois em New Castle-on-Tyne e em Bristol (Inglaterra) e, finalmente, em Paris.

Casou-se em 1886 com Emília de Castro Pamplona. Nos últimos anos intercalou sua estada na França com temporadas na Quinta de Santa Cruz, no Douro, região serrana no norte de Portugal. Faleceu em 1900, em sua casa de Neuilly, na França.

A variada obra de Eça de Queirós compreende contos, como *Singularidades de uma rapariga loira*, e romances, como *O crime do Padre Amaro*, *O primo Basílio*, *Os Maias*, *A ilustre casa de Ramires* e *A cidade e as serras*.

Capítulo I

Era julho, um domingo, fazia muito calor em Lisboa. O relógio havia batido onze horas. Jorge e Luísa tinham acabado de almoçar. Luísa ficara à mesa lendo o *Diário de Notícias*. Estirado na velha poltrona, Jorge bocejou e perguntou:

– Você não vai se vestir?

Luísa respondeu:

– Vou sim.

Ele enrolou um cigarro. As duas janelas da sala estavam fechadas. Lá fora, o sol faiscava nas vidraças e escaldava nas pedras da varanda. Na rua, o silêncio e o recolhimento das manhãs de missa. Jorge pensava na sua viagem para o Alentejo. Era engenheiro de minas e, no dia seguinte, partiria para Beja, Évora e, mais para o sul, até São Domingos. Aquela viagem em pleno verão o irritava. Andar dias seguidos sacudido por um cavalo de aluguel, dormir em quartos que cheiram a tijolo cozido, sentir o bafo quente das queimadas. Além do mais, era a primeira vez que se separava de Luísa e já sentia saudades do lar, da sala que ele mesmo ajudara a forrar de papel novo, poucos dias antes do casamento. A casa havia sido de sua mãe, Isaura. E mais do que isso: era a casa de sua infância. Os mesmos móveis, o guarda-louça antigo e envidraçado, as pratas, o velho painel de óleo. Isaura era uma senhora alta, esguia e muito ansiosa, que, ao voltar um dia da igreja, morrera de repente.

Jorge, então, começou a sentir-se só, sobretudo à noite. Queria abraçar uma cintura fina, sentir pela casa o vaivém delicioso de um vestido... de um corpo de mulher. Decidiu casar-se. Conheceu Luísa no verão, à noite, no Passeio Público. Ficou logo apaixonado pelos seus cabelos louros, sua pele muito branca, seus olhos castanhos muito grandes.

No inverno seguinte casaram-se.

Luísa revelou-se boa dona de casa, era limpa, alegre, dedicada ao marido e ao lar. Estavam casados há três anos e felizes! Jorge achava até que tinha ficado mais inteligente, mais alegre. Soprava o fumo do charuto sentindo-se de bem com a vida.

– Olha só o que acabo de ler – disse Luísa de repente, sorrindo.

– Que foi?

– Meu primo Basílio está para chegar! Diz o jornal: *Chega estes dias a Lisboa o Sr. Basílio de Brito. Partiu para o Brasil, onde reconstituiu sua fortuna com um honrado trabalho, e anda viajando pela Europa desde o começo do ano passado. Sua volta à capital é um grande júbilo.*

– Então vem com fortuna, hem? – disse Jorge.

– Parece que sim.

Veio encostar-se ao marido, passando a mão sobre seus cabelos. Jorge olhou-a, triste já com a separação.

Luísa foi chamar Juliana, a empregada, para saber se a roupa do marido já estava engomada. A criada entrou. Tinha uns quarenta anos, muito magra, feições miúdas. Os olhos grandes afundados no rosto remexiam-se de inquietação, sempre cheios de curiosidade. Sofria do coração. Disse que os coletes não estavam prontos, faltava engomá-los.

– Mas eu te recomendei tanto, mulher! Vá! À noite quero os coletes na mala.

Logo que ela saiu, Luísa desabafou:

– Não suporto mais essa criatura. Não gosto do seu jeito, ela me deixa nervosa só de vê-la.

Jorge ria:

– Coitada, não tem onde cair morta. E o modo como se dedicou na doença da tia Virgínia, de dia e de noite, foi um verdadeiro anjo para ela. Temos que ter gratidão, minha querida. Bom, vou dar uma saída rápida, não demoro.

O relógio tocou meio-dia.

Luísa espreguiçou-se. Que chatice ter de se vestir. Foi buscar um livro no aparador, deitou-se no sofá e começou a ler *A Dama das Camélias*. Lia muitos romances, montes deles, sonhava viver em castelos, com ceias, noites delirantes... Foi com lágrimas que terminou a leitura. Deixou o livro cair no colo e lembrou-se de repente da chegada do primo Basílio.

Fora seu primeiro namorado. Ela estava com 18 anos. Ninguém sabia disso, nem Jorge, nem Sebastião, o melhor amigo do marido. Tudo não passou de uma criancice de que agora sorria. Basílio havia chegado da Inglaterra, estava rico e andava muito chique, sempre de gravatas e anel de ouro. Fazia enorme sucesso em Sintra! A mãe dela, cheia de reumatismo – a quem Basílio chamava de tia Jojó –, dormia embrulhada em uma manta na velha sala da casa na rua da Madalena. Eles dois, então, ficavam muito juntinhos no sofá. Quantas lembranças daquele sofá! Até que João de Brito, que fazia parte da firma Bastos & Brito, faliu. A casa e o sítio foram vendidos. Basílio estava pobre e partiu para o Brasil. Quantas saudades!

Dias e dias Luísa passou sentada no querido sofá chorando, agarrada a uma fotografia dele. Depois de um ano, recebeu da Bahia uma carta do primo que dizia: *Tenho pensado muito e entendo que devemos considerar o nosso namoro como uma criancice...*; explicava, ainda, que estava pobre, teria de lutar bastante até ganhar o suficiente para os dois. Não queria sacrificá-la.

Luísa passou meses muito triste. Chegou a pensar em entrar para o convento. Mas, justamente nessa época, a tuberculose de sua mãe agravou-se. Foram para Belas, na tentativa de uma recuperação. Lá enturmou-se com as Cardoso, duas irmãs magras, que viviam rindo e falando de homens. Foi um período alegre que a consolou. Quando voltaram, Luísa estava mais gorda e saudável.

Passaram-se três anos até que conheceu Jorge. No começo não gostou dele, não gostava de homens barbados. Depois começou a admirar seus olhos e a sentir-se bem ao seu lado. Gostava de adormecer deitada sobre seu ombro. Junto dele não tinha medo de nada. Ficou completamente eufórica quando, um dia, ele a pediu em casamento. Estava noiva! Que alegria e descanso para sua mãe!

Depois do casamento passou a adorá-lo. Era seu marido, era novo, era forte, era alegre, comparava-o com os maridos das outras e tinha orgulho dele. Jorge era meigo, ajoelhava-se a

seus pés, fazia-lhe todas as vontades, cobria-a de delicadezas. Era tudo para ela. Que desgraça teria sido sua vida se tivesse se casado com o primo Basílio.

– Está aí a Dona Leopoldina – veio dizer Juliana.

– E você a deixou entrar? Tá bem, diga que já vou.

Se Jorge soubesse! Ele tinha dito tantas vezes que não queria aquela mulher dentro de casa. Era sua amiga íntima, tinham sido vizinhas na rua Madalena e estudado no mesmo colégio. Leopoldina casara-se com um sujeito grosso, chamado João Noronha, e todo mundo sabia que ela tinha vários amantes. Chamavam-na de “a pão e queijo”. Jorge a odiava. Leopoldina era bem feita de corpo e sempre usava vestidos muito colados. De rosto não era lá essas coisas.

Luísa aproximou-se dela com os braços abertos, beijaram-se com carinho. Leopoldina tinha vindo perguntar à Luísa o endereço da francesa que fazia seus chapéus. Sentou-se ao sofá e começou a tagarelar. Por cima do sofá estava pendurado o retrato da mãe de Jorge.

– Sabe que acabei tudo com o Mendonça?

Luísa ficou vermelha.

Leopoldina foi logo dando os detalhes. Era indiscreta, falava de suas intimidades com a maior naturalidade. Tinha necessidade de fazer confidências. Luísa escutava, interessada, mas um pouco corada, achava tudo tão curioso!

– Então teu primo Basílio está para chegar?

– Pois é, li hoje no jornal.

– E você, sempre apaixonada pelo marido, hem? Faz muito bem. Você é que está certa. Mas vai uma mulher conseguir se pregar a um homem grosso como o meu!

Juliana entrou, tossiu:

– A senhora quer mesmo que engome todos os coletes?

– Todos, já disse. Têm que ficar prontos à noite, quero-os na mala antes de você ir se deitar.

– Quem vai viajar? – perguntou Leopoldina.

– O Jorge. Vai às minas no Alentejo.

– Então você vai ficar sozinha. Posso vir te ver, que bom!

O relógio deu quatro horas. Leopoldina levantou-se toda apressada. Tinha que ir depressa senão o marido jantava sem ela e depois só lhe sobravam os restos.

Luísa foi com a amiga até a porta. Despediram-se e Leopoldina prometeu vir visitá-la com mais frequência, agora que Jorge estaria fora.

Jorge voltou às cinco horas. Parou na porta do quarto:

– Já sei quem esteve aqui.

Luísa ficou meio corada. Estava já pronta com um vestido de linho branco. Sim, era verdade, a Leopoldina tinha estado lá, mas a culpa era de Juliana, que a mandou entrar. Ficou contrariada, mas o que poderia fazer com a outra já dentro de casa? Além do mais, não ficou nem dez minutos.

– Juliana me disse que ela passou a tarde toda aqui.

– Mentira! Passou no máximo dez minutos.

Jorge ficou calado, assobiou, foi até a janela, por fim disse:

– Luísa, é preciso que você deixe de ver essa mulher. É para seu bem, é por causa dos vizinhos, é por causa da decência. Todo mundo a conhece. É uma vergonha! Tenho ou não tenho razão?

– Tem sim. Você tem razão.

– Ainda bem.

E saiu furioso.

Luísa ficou paralisada. Aquela Juliana era uma cobra. Sentindo enorme ódio, subiu até a cozinha:

– Por que foi dizer ao patrão quem esteve ou deixou de estar aqui?

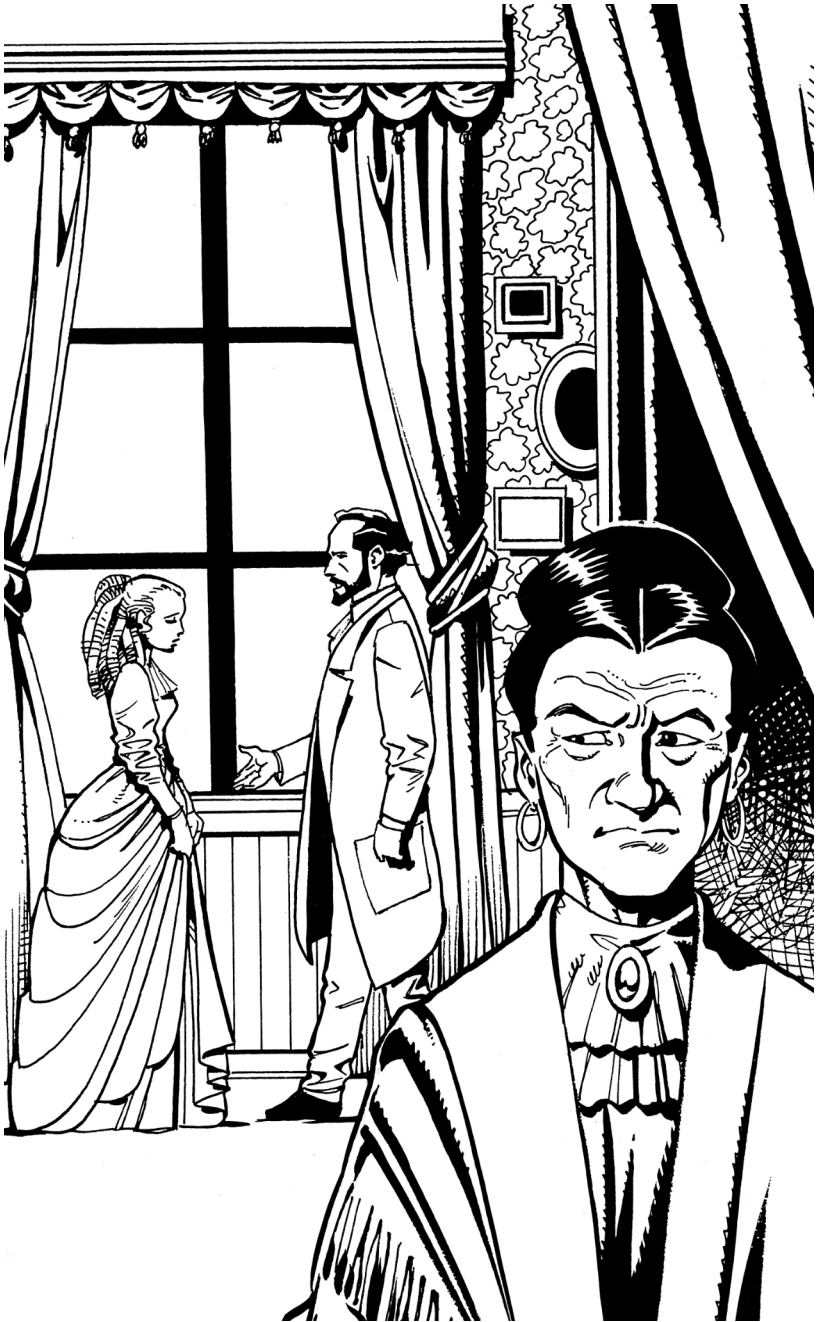
Surpresa, Juliana pousou o ferro com que passava os coletes de Jorge:

– Não sabia que era segredo, minha senhora.

– Lógico que não é segredo! E para que você a mandou entrar? Já não falei que não quero recebê-la?

– Não, a senhora nunca me disse nada.

– Mentirosa!



Saiu da cozinha e foi para o quarto muito nervosa. Jorge tinha razão, coitado! Mas, também, o que podia fazer? Já tinha dito à Leopoldina que o marido não a suportava. Chegaram a chorar. Não se viam nunca. Também não podia empurrá-la para fora de casa!

– Luísa – chamou Jorge –, vamos jantar, meu amor, já são sete horas.

No meio do quarto, tomou-a pela cintura e falou baixinho:

– Ficou zangada comigo?

– Não, eu reconheço que você tem razão.

Jorge respondeu cheio de ternura:

– Minha querida, esta nossa casinha é tão honesta que me dói ver aquela mulher entrar aqui com seu cheiro de cigarro e do resto... mas não falemos mais nisso. Vamos à sopa!

Capítulo II

Sempre aos domingos, à noite, Jorge e Luísa reuniam um pequeno grupo de amigos em casa. Na sala, em volta do velho candeeiro de porcelana, tomavam chá, conversavam, Jorge fumava seu cachimbo e Luísa fazia crochê.

O primeiro a chegar era sempre Julião Zuzarte, parente afastado de Jorge. Tinha se formado em medicina. Era muito inteligente, estudava bastante, mas, aos 30 anos, pobre, sem clientela, já estava cansado de seu quarto andar na Baixa, do seu paletó surrado. Via outros, medíocres, subirem na vida, prosperarem e a ele faltava sorte, dizia. Esperava por uma clientela rica. Tinha certeza de que merecia essa felicidade, que não tardaria a chegar.

Luísa não gostava dele, detestava seu tom pedagogo, mas procurava disfarçar porque sabia que Jorge o apreciava.